

30/1/97 9m
76 A-5

Amazônia: início da maior pesquisa

Projeto envolve 11 países e tem custo aproximado de US\$ 50 mi

por Virgínia Silveira
de São José dos Campos

Cientistas de 11 países começaram neste mês a maior pesquisa científica feita na região Amazônica até hoje. O projeto, chamado de Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia (LBA), tem como objetivo levantar o impacto das mudanças no uso da terra – desmatamento e queimadas – e do clima – efeito estufa – no funcionamento do clima, ecologia, bio-geoquímica e hidrologia da região.

Cerca de 10 a 12 pontos de coleta de dados ou torres serão instaladas ao longo deste ano em toda a Amazônia, no estado de Rondônia, Manaus, Santarém, Marabá e São Gabriel da Cachoeira. As torres vão ficar suspensas até 12 metros acima da floresta com instrumentação própria para medições de variáveis meteorológicas, trocas de vapor d'água, calor e gás carbônico entre a atmosfera e a vegetação.

Previsto para durar sete anos, o LBA tem um custo estimado de US\$ 50 milhões, segundo o coordenador

do grupo de planejamento científico do experimento, Carlos Afonso Nobre, climatologista do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Participam do projeto mais de 300 pesquisadores dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Holanda, França, Bélgica e dos países Amazônicos – Brasil, Equador, Colômbia, Bolívia, Venezuela e Peru.

Desde o começo deste mês, várias equipes de pesquisadores, cientistas e universitários deram início ao programa de disseminação do Plano Científico do experimento para todas as instituições de pesquisa e de ensino superior situadas na região Amazônica. “O objetivo dessas visitas é treinar pessoas para trabalharem no projeto participando principalmente das atividades de campo”, comentou Nobre.

A coleta de dados nas florestas, segundo o coordenador do LBA, será feita diariamente ao longo dos próximos cinco anos. De acordo com Nobre, essa nova modalidade de pesquisa para a Amazônia, mais abrangente e integrada, permitirá um novo enten-

dimento sobre como as modificações na floresta podem alterar o funcionamento básico da região nos seus aspectos físicos, químicos e biológicos, auxiliando a busca de políticas que visem o desenvolvimento sustentado de seus recursos naturais.

Dados recentes de sensoriamento remoto coletados pelo Inpe indicam que extensas áreas da Amazônia brasileira vêm sendo modificadas de florestas para pastagens e terrenos agrícolas. “Ainda hoje, mesmo com a fiscalização dos órgãos competentes, cerca de 70% a 80% de todo o desmatamento registrado na Amazônia é ilegal”, ressaltou o pesquisador.

A Amazônia, de acordo com dados coletados pelo Inpe, já perdeu, ao longo deste século, 469.978 quilômetros quadrados de suas florestas tropicais nativas. A taxa anual de desmatamento, que estava em queda desde o final da década de 80, voltou a crescer a partir de 1991, de 0,37% para 0,40% no período de 1992 a 1994 – dados mais recentes. Isso equivale a um aumento anual de área desmatada de 14.896 quilômetros quadrados.